

Bela, recatada e do lar? A construção da imagem da dona de casa na era do Instagram a partir de um estudo de caso do perfil @respiramulher¹

Lígia de Oliveira SALES²

Centro universitário Estácio do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o Instagram como plataforma de comunicação para discutir a imagem da dona de casa, a partir da voz feminina no ambiente de uma rede social digital. Analisando o perfil @respiramulher, busca-se compreender se as representações da dona de casa projetadas nas publicações mantêm uma harmonização, enfrentamento ou algum tipo de ruptura com a projeção feita para a mulher “do lar” desde o Brasil colônia. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com a análise de conteúdo do perfil @respiramulher, a partir de Bardin (2010) e Fragoso, Recuero e Amaral (2011), para identificarmos as diversas formas e maneiras dessa mulher dona de casa se apresentar para a sociedade na cultura de participação em comparação com a imagem tradicional da dona de casa “bela, recatada e do lar”.

Palavras-chave: representações da imagem feminina; dona de casa; cultura de participação; instagram; análise de conteúdo.

Introdução

No dia 18 de abril de 2016, a revista Veja publicou uma matéria sobre a “quase primeira-dama” (termo que a revista classificou) Marcela Temer, esposa do então vice-presidente do Brasil Michel Temer³. Na manchete da reportagem, a frase “Bela, recatada e do lar” foi escrita em caixa alta e usada para dar o tom da notícia, o que acabou gerando bastante polêmica no ambiente digital. Com memes⁴ e hashtags⁵, muitos usuários da internet ironizaram os adjetivos atribuídos pela revista Veja à Marcela Temer, e boa parte deles teria reclamado do viés machista adotado pela

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora de graduação nos cursos de Jornalismo e

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora de graduação nos cursos de Jornalismo e Publicidade do Centro Universitário Estácio do Ceará, email: ligia.sales@gmail.com

³ Michel Temer assumiu a presidência como interino em maio de 2016 e com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, assumiu todas as atribuições presidenciais.

⁴ Meme é um termo grego que significa imitação e é usado no ambiente digital para representar alguma informação que se espalhe com muita rapidez entre os usuários da internet.

⁵ São palavras-chave que, junto com o símbolo # (cerquilha), viram hiperlinks dentro da internet, indexáveis pelos mecanismos de busca. A partir daí, outros usuários podem ter acesso a todas as informações e conteúdos que já foram publicados sobre determinado assunto a partir de sua hashtag.

revista, segundo matéria publicada pelo portal F5, do jornal Folha de S.Paulo⁶, no dia 20 de abril do mesmo ano.

A partir da repercussão do fato e reflexões sobre a função da mulher dona de casa, surgiu o interesse de tentarmos compreender melhor esse assunto. Como as redes sociais digitais tem sido palco de crescente participação feminina, servindo para discutir e abordar os mais diversos assuntos, optamos por compreender melhor como uma dessas mulheres – a Ana Násily do perfil @respiramulher – usa a internet como ferramenta de comunicação e constrói uma imagem de dona de casa para a sociedade que a vê, seguidores ou não.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) abordam a importância de se estudar cientificamente os processos sociais vivenciados na internet, partindo da premissa que esta seja um artefato cultural que integra os âmbitos online e offline. Portanto, o objetivo deste artigo não é supor que exista apenas uma única identidade de dona de casa na era da cultura de participação ou supor que seja possível achatar todas as pluralidades de representações que podemos encontrar nas redes sociais em apenas uma. Ao contrário, a ideia é levantar percepções sobre a imagem da dona de casa contemporânea a partir do olhar de uma dessas mulheres que ganhou espaço e voz numa rede social digital, a saber o Instagram⁷.

Inicialmente, sem que tenhamos o compromisso de fazer um apanhado histórico detalhado, vamos abordar algumas características e representações da mulher dona de casa que perduram até hoje, em pleno século XXI. Para tanto, exemplificamos como alguns desses valores e comportamentos foram edificados desde o Brasil colônia (ARAÚJO, 1997), passando pelas transformações do papel dessa mulher no século XIX (D'INCAO, 1997) até os direcionamentos sobre o comportamento de uma dona de casa ideal, no século XX (NUNES, 2006).

Em seguida, discutimos como a cultura de participação, dentro do contexto da cibercultura, possibilitou que essa mulher dona de casa pudesse construir uma auto-representação a partir da produção de conteúdo no ambiente digital.

⁶ <http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2016/04/10001668-marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar-cai-nas-gracas-da-internet-em-varios-memes-confira.shtml> acesso em : 30/04/17

⁷ O instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre os seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. Ele foi criado em 6 de outubro de 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger.

Por fim, foi feito um estudo de caso com o perfil @respiramulher, a partir de uma análise qualitativa e de conteúdo de posts publicados na rede social digital Instagram, durante os meses de janeiro até abril de 2017. Levando em conta os critérios de análise de conteúdo de Bardin (2010) a partir de três categorias temáticas, pudemos compreender de que forma os assuntos e questões levantados pelo @respiramulher podem funcionar como porta-voz de uma das possíveis identidades da dona de casa na era da cibercultura.

Os papéis da mulher dona de casa no Brasil

Ao longo dos séculos, acompanhamos as tentativas da sociedade determinar os modos de ser, vestir, agir e pensar da mulher. Segundo Araújo (1997), no Brasil Colônia, o condicionamento do comportamento e da sexualidade feminina passava pela submissão ao pai, depois ao marido e também por uma rígida educação voltada exclusivamente aos afazeres domésticos. É o que confirma o manual sobre a educação de uma menina, escrito por Ribeiro Sanches, no século XVIII. Ele explica que:

Seria necessário que uma menina ao mesmo tempo que aprendesse o risco, a fiar, a coser e a talhar, que aprendesse a escrever, mas escrever para escrever uma carta, para assentar em um livro que fez tais e tais provisões para viver seis meses na sua casa; para assentar o tempo de serviço dos criados e jornaleiros, e os salários; para escrever nele o preço de todos os comestíveis, de toda a sorte de pano de linho, de panos de seda, de móveis da casa...” (ARAÚJO, 1997, p.50, Apud SILVA, 1984, p.185.)

Essas habilidades domésticas, inclusive de educação financeira, compunham a identidade da mulher no Brasil colônia, juntamente com seu papel de esposa honrada e mãe devota. Sendo assim, a esta caberia a função fazer e criar filhos, enquanto cuidava do lar e trocava receitas com as outras amigas e vizinhas. Neste aspecto, Novinsky (1980, p.236) explica que esse cotidiano restrito das mulheres permitiu a criação de um “mundo feminino, expressado em laços de solidariedade e amizade entre vizinhas, amigas e parentes, nos expedientes alternativos de esperança e num poder informal e difuso”.

Com a chegada do século XIX, algumas mudanças sociais e econômicas – como a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia – reorganizou as vivências familiares e as atividades femininas:

“Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão.” (D’INCAO, 1997, p. 223)

A diferença do papel da dona de casa burguesa para o da mulher do século anterior concentrava-se, fundamentalmente, em atribuições sociais. Enquanto a imagem da mulher no Brasil colônia vinculava-se a um comportamento ilibado, caseiro e recluso, a imagem feminina no século XIX acompanhou as mudanças urbanas e sociais que as cidades passaram a ter. Sendo assim – embora vigiadas pelo marido, pai ou irmão – essas donas de casa tinham por obrigação dar conta do lar e ainda assim passar pelo crivo da avaliação popular. Teriam de ser boas anfitriãs e, ao mesmo tempo, bem relacionadas nos cafés, chás e bailes que frequentassem. Entretanto, durante o período do patriarcado brasileiro, a mulher tinha uma imagem a zelar, o que implicava ser a melhor mãe, esposa e dona de casa que pudesse existir:

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família. (D’INCAO, 1997, p. 230)

Neste aspecto, vale salientar alguns pontos discutidos e mencionados por D’Incao (1997). Com a chegada da família burguesa, passou-se a transferir a responsabilidade da educação e acompanhamento dos filhos e da casa para a esposa. Esta deveria participar ativamente de todo o trabalho doméstico e educacional, algo que antes era direcionado às mucamas, escravas e outras serviçais.

No século XX, as transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais foram ampliando, pouco a pouco, a participação e visibilidade da mulher na sociedade ocidental. Entretanto, estas mudanças não foram suficientes para extinguir um parecer sobre a identidade feminina cercado de regras sobre os modos de pensar, além de uma suposta fragilidade emocional. Estas características podem ser observadas, com maior clareza, em algumas publicações voltadas para o público feminino, na primeira metade do século.

Os artigos publicados pela escritora Clarice Lispector no tablóide Diário da Noite e Correio da Manhã, entre 1959 e 1961, sob o pseudônimo de Ilka Soares, são ricos na variedade de temas abordados, que vão desde o tom de voz correto para uma dona de casa usar até mesmo o que ela deve fazer para manter o casamento, filhos e a casa em perfeito funcionamento. A conciliação entre o serviço doméstico (para aquelas que não tinham empregada) e o cuidado com a beleza, por exemplo, era indispensável e visto como sinal de sabedoria da mulher. Na publicação do dia 24 de fevereiro de 1960 feita para o jornal Correio da Manhã, conhecemos a função de uma dona de casa no que diz respeito à responsabilidade de construir um lar:

O lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso. Muitas erram ao fazer de sua casa uma vitrina permanente, onde não há liberdade para o marido fumar o seu cachimbo, para o filhinho brincar. Essas, geralmente, fazem da vida do lar um inferno e quase sempre obrigam o marido a ir procurar conforto e bem-estar noutro lugar, quando não nos braços de outra mulher. (LISPECTOR, 2006, p.45)

Esse tipo de publicação que fazia imposições ao papel da mulher dona de casa e a responsabilizava por todas as relações estabelecidas no âmbito privado e doméstico foram se tornando mais escassa ou, pelo menos, mais indiretas ao final do século XX. Por mais que a cultura de massa⁸ tenha se esforçado em padronizar comportamentos femininos através das novelas, jornais e da publicidade; as transformações políticas, culturais e –principalmente – tecnológicas foram colocando essa mulher numa posição de maior destaque e visibilidade. O ápice dessas mudanças acontece com a chegada da internet e da cultura de participação.

A imagem da dona de casa na cultura de participação

Segundo Shirky (2011), a cultura de participação, ao contrário do que pudemos perceber ao longo do século XX, não concentra seus esforços midiáticos apenas no consumo, mas na relação de saber, produção criativa e compartilhamento de ideias. Neste sentido, a principal mudança do modelo de comunicação do século XX para o século XXI é a participação do amador.

⁸ A cultura de massa é vista pelo sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (1977) como a cultura que surge com a industrialização e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Ela segue as normas capitalistas e busca atingir o maior público possível a partir da padronização e simbolismo dos produtos e serviços que oferece.

Jenkins (2009) explica que a cultura de participação refere-se ao processo de transformação do espectador de passivo a atuante nos meios de comunicação. A mudança se deve à formação de uma cultura digital que converge pessoas, interesses e plataformas midiáticas em interesses comuns, a saber a cibercultura. Os indivíduos se tornam participantes interagindo entre si e auxiliando na produção do conteúdo que acessam e consomem. Neste sentido, o autor diz que “a participação torna-se um importante direito político” (JENKINS, 2009, p.349)

Miguel e Boix (2013) explicam que, no contexto da cultura de participação digital, as mulheres descobriram o mundo virtual como

“uma nova possibilidade, um novo espaço – para além ou mais para cá dos espaços público-privado/doméstico – em que finalmente os gêneros ficam desarticulados e desativados, e as pessoas liberadas dos rígidos corpetes de uma masculinidade ou feminilidade empobrecedora e alienante.”
(MIGUEL e BOIX, 2013, p. 47)

Desta forma, é natural e até mesmo esperado que uma parcela das mulheres tenha encontrado, na internet, estratégias de sobrevivência para lidar com um cotidiano que, de outra forma, poderia ser visto como opressivo e bastante limitado. Ou mesmo, tenham encontrado um espaço de voz ativa para quebrar os estereótipos da imagem da mulher dona de casa cultivada nos séculos anteriores. O fato é que com a cultura de participação – e a possibilidade de interagir com outros universos através do acesso ao ambiente digital – esta mulher dona de casa pôde, pela primeira vez, ter alcance no que diz, através das redes sociais digitais.

Shirky (2011) explica que o público é capaz de usar a mídia de forma ativa e produtiva, inclusive aquele que nunca tenha tido espaço, voz ou mesmo oportunidade para expor o que pensa. Isto acontece por conta da facilidade com que esta identidade pode ser projetada num ambiente digital. A própria lógica de funcionamento de uma rede social como o Instagram é feita para ser gerenciada de maneira simples e intuitiva pelos usuários. No caso da mulher dona de casa, ela pode fotografar do próprio celular e postar qualquer imagem que possa representar seu cotidiano, valores ou pensamentos sem grandes burocracias.

Com a possibilidade da produção e compartilhamento numa rede social digital, a mulher tem a oportunidade de questionar essa padronização de comportamento, quebrar esses paradigmas ou até mesmo sustenta-los/reforça-los através do que decide

expor da própria vida e da forma de pensar. Ao fazer isto, a mulher cria laços sociais que, segundo Pereira (2016), mantém-se por meio do engajamento através das curtidas ou comentários. Esta ação promove um reforço sobre o comportamento de quem gerencia o perfil naquela plataforma, servindo de legitimação para a construção de uma identidade, como pudemos analisar no estudo de caso do perfil @respiramulher.

A metodologia

Ana Násily Lima, de 29 anos, é natural do Espírito Santo, mora em Vitória, é esposa de Gustavo Lima, tem três filhos e é dona de casa. Na rede social Instagram, o perfil @respiramulher existe desde 2014, tendo passado por três mudanças de nome. Este último foi escolhido em 31 de janeiro de 2017, para representar uma necessidade de equilíbrio e calma em meio às múltiplas “obrigações” de uma mulher, como explicou a autora, no post do mesmo dia.

A escolha por uma análise de conteúdo deste perfil deu-se numa perspectiva de investigação contextual e qualitativa. Sendo assim, a ideia não é ficar limitada a uma perspectiva interna do que acontece apenas naquele ambiente das redes sociais ou daquele perfil específico de mulher, mas compreender como esses processos comunicacionais observados nesta página de rede social constrói uma representação da imagem feminina através de questões que desde o Brasil colônia são perpetuadas:

Queremos, para além dessa percepção integrativa das lógicas do episódio, perceber características e encaminhamentos que nos pareçam direcionados para o processo interacional – para sua manutenção ou ruptura; para negociação ou enfrentamento; para viabilização de resultados; e, basicamente, para o encontro entre as diferenças presentes, em qualquer modalidade, de harmonização, tensionamento ou opressão. A busca de tais aspectos se volta para um entendimento crescente do fenômeno comunicacional, partindo das lógicas internas do episódio para alcançar processos historicamente transversais. (BRAGA, 2016, p.89)

O recorte do corpus limitou-se à análise de três postagens de forma mais aprofundada, além de fragmentos diversos de posts publicados durante os meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2017. Os critérios obedecidos para a seleção do corpus estão de acordo com três características expostas por Bardin (2010) na etapa de pré-análise da documentação, a saber: a exaustividade, homogeneidade e pertinência com relação ao material das postagens.

Assim, foram lidas e analisadas 565 postagens – do dia 1º. de janeiro até o dia 21 de abril de 2017 – para seleção dos assuntos que mais se destacaram. Em seguida, estabelecemos três categorias temáticas para representar os assuntos que mais se repetem no perfil @respiramulher, a saber: questões relacionadas à beleza e autoestima (bela), questões relacionadas ao empoderamento feminino e à política (recatada?) e questões relativas ao cotidiano doméstico, incluindo aí a maternidade (do lar). Sobre a regra da pertinência, a escolha do perfil não foi aleatória, mas obedeceu a alguns critérios de relevância para a seleção intencional dessa amostra. A página @respiramulher possui um número elevado de seguidoras (77, 4 mil até abril de 2017), indicando que estamos tratando de alguém que parece ter elevada aceitação e representatividade por parte de outras mulheres.

Segundo Frago, Recuero e Amaral (2011), o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, sendo assim podemos passar para o estudo das categorias a partir das publicações selecionadas.

Bela

A partir dos fragmentos registrados sobre os assuntos que discutem moda/beleza e autoestima, criamos uma tabela de forma a compreender melhor como essas postagens colaboram para a representação de uma imagem de dona de casa que parece ora romper/enfrentar e ora negociar com os padrões arcaicos e burgueses de uma beleza etérea, imaculada e do corpo magro e milimetricamente esculpido como única forma válida de apresentação.

Tabela 1– Categoria temática “Bela”

Assuntos	Data das postagens	Descrição da imagem/ situação	Fragmentos das postagens	Intepretação quanto à imagem da dona de casa tradicional
Moda/ beleza	30/01/17	Imagem de duas fotos de Ana com um vestido azul , em pose de modelo ⁹ .	“Olha eu vestida de abacaxi Divas!!!...Vou colocar no stories os looks que proveie arrematei também porque estava estressada! E se não comprasse não iria nem conseguir dormir.”	Esse cuidado com a beleza, as mudanças constantes de corte/cor de cabelo, cor de batom e de unhas representam uma imagem de dona de casa que é vaidosa e que gosta de estar envolta com essas questões de estética, beleza e moda. Neste ponto, percebemos uma negociação com a necessidade de embelezamento proposta para
	12/04/17	Imagem com colagem de várias fotos do	“Não coube todos os cabelos em todas as	

⁹ Em vários outros momentos , dentro do recorte do corpus, podemos encontrar posts com imagens da autora do perfil mostrando a escolha de roupa que fez para aquele dia (são 24 postagens ao todo) . Esse tipo de postagem tem intensa interatividade com o público e aceitação, numa média de 2.000 curtidas.

		cabelo de Ana com cores diferentes, em épocas diferentes.	fotos. Mas não tem coisa que eu suporto menos do que dizerem que eu copio alguém.”	a dona de casa burguesa, que deveria conciliar os serviços domésticos sem deixar de lado os cuidados com a estética.
	18/04/17	Imagem da mão de Ana segurando um creme e um exfoliante para os pés. O nome dos produtos, da marca Lola Cosméticos, é “Poderosa Mãezona”	“Coloquei uma panela grande de água pra esquentar, separei meu kit #poderosamaezona e tô indo relaxar...Hoje estou fazendo a linha phóderósah!”	Embora não haja uma clara ruptura com a necessidade do embelezamento, podemos ver uma tentativa da autora expor as escolhas que faz atreladas a uma identidade que parece buscar autenticidade.
Autoestima	18/03/17	Imagem de foto em preto e branco da autora do perfil de biquíni.	“Só não tenha vergonha de você”	Percebemos o enfrentamento da imagem da dona de casa tradicional, composta por uma mulher que deveria ser discreta, não expor suas mudanças de pensamento e que deveria viver em busca de um corpo perfeito. Aqui vemos postagens que parecem lembrar à própria autora de se aceitar tal como é: volúvel, imperfeita como qualquer outro ser humano. Não ter vergonha de si talvez seja a grande questão nessa categoria. A beleza, neste momento, parece carregada de doses generosas de autoaceitação e estímulo a diversas outras donas de casa que talvez também não se encaixem em padrões midiáticos.
	23/03/17	Selfie em preto e branco, na praia.	“Ela é alguém que resolveu se reinventar... várias em uma só, muda feito as estações...Há quem diga que tem alma de cigana. Chega até ser bipolar”	
	03/01/17	Imagem de Ana na praia, de biquíni e uma saia longa. Chapéu e óculos escuros.	“Como ter um corpo de praia? Tenha um corpo e vá para a praia caramba!”	
	24/03/17	Selfie na praia, usando chapéu e blusa preta. Sorriso no rosto.	“O tipo de mulher que se ama apesar dos seus defeitos”	

Imagem 1 – Post do dia 18/03/17



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BRyQ111gf1o/?taken-by=respiramulher> (acesso em 21/04/17)

Nesta postagem observamos um total de 1.816 curtidas e 50 comentários. Neles, podemos ler diversos elogios à foto e alguns relatos de identificação com a autora do perfil. @sandragonzaga afirma que não tem vergonha alguma de expor o corpo e explica: “...amo cada marquinha porque tem vitórias de conseguir gerar, construir células por células. Eu me amo e a vc tb” (sic) Já @nancyziinha afirma: “Eu já mencionei que te amo? Amo pelo simples fato de vc me fazer sentir muito especial! Amo por vc me fazer enxergar que eu sou linda e que posso enfrentar minha vida e meus medos!!”(sic)

Recatada?

Nesta categoria, percebemos os assuntos que envolvem um empoderamento feminino e política sendo discutidos pela autora do perfil @respiramulher, a partir de uma representação de ruptura com a identidade feminina projetada para a dona de casa ideal, conforme parâmetros tão difundidos durante os séculos XIX e XX.

Abaixo podemos observar os fragmentos do texto que comprovam essa construção de uma imagem de dona de casa sem a menor intenção de parecer recatada.

Tabela 2 – Categoria temática “Recatada?”

Assuntos	Data das postagens	Descrição da imagem/ situação	Fragmentos das postagens	Intepretação quanto à imagem da dona de casa tradicional
Empoderamento feminino	28/03/17 ¹⁰	Imagem de uma garrafa de cerveja Baden Baden de chocolate e o copo cheio.	“Ela gosta de chocolate”	Nestes fragmentos, encontramos uma ruptura com a imagem estabelecida de uma dona de casa recatada, conservadora e conformada com um papel de submissão, discrição e obrigações domésticas. A representação de poder e liberdade aparece na cor do cabelo, na recusa em obedecer às expectativas domésticas e na exposição das inúmeras cervejas que gosta de tomar. Até na legenda da cerveja, a brincadeira/ironia com o chocolate reforça essa quebra com o que supostamente seria esperado que uma mulher gostasse. Nesta categoria temática, o empoderamento feminino é estimulado pela autora, que
	03/04/17	Selfie sorrindo com o cabelo rosa, maquiada e camiseta decotada.	“Decidi que hoje eu não vou fazer nada por obrigação! Então estou indo no @shoppingvilavelha...”	
	11/04/17	Selfie com o cabelo rosa preso em faixa de tecido. Lembra a propaganda de 1943, de Howard Miller, muito utilizada pelo movimento feminista nos anos 80. Tem uma mulher com faixa,	“...Você vai realmente se privar de tomar atitudes que te fará feliz e realizada com medo do que as outras pessoas pensarão? Você mulher e mãe, não se permite sair com suas amigas e tomar uma cervejinha pq dirão que vc não é uma boa esposa e uma boa mãe?”	

¹⁰ Outras publicações com imagens de cerveja foram registradas nas seguintes datas dentro do recorte do corpus: 02/01/17, 09/02/17, 11/02/17, 12/02/17, 16/02/17, 18/02/17, 25/02/17, 08/03/17, 10/03/17, 02/04/17)

		escrito “We can do it!”		questiona a preocupação excessiva com o julgamento da sociedade e que reforça o valor da liberdade de pensar e agir da mulher para que ela se sinta útil, feliz e completa, não apenas uma dona de casa que obedece regras.
	13/04/17	Imagem de outro IG, de um pano de prato com a estampa escrita: “Foda-se. Só lavo a louça quando eu quiser”.	“APAIXONADA! Salário, meu filho! Chegue logo que eu quero lhe usar!”	
Política	08/02/17	Imagem de policiais em greve e o meme de uma música escrito por cima da imagem “Vou não... quero não, posso não, minha mulher não deixa não...”	“Bom dia desespero!!!”	Nestes fragmentos, pode-se perceber as opiniões políticas da dona de casa sobre greve dos policiais militares e civis, enfrentada pela população do Espírito Santo. A exposição de sua posição política quanto ao assunto, a cobrança de agilidade dos governantes e a fala questionadora são atitudes que indicam um enfrentamento ideológico sobre a participação feminina nesses assuntos.
	09/02/17	Vídeo em que Ana comenta sobre a greve da polícia militar e civil no Espírito Santo.	“Quando teremos nossa liberdade outra vez? Quando teremos nossa pseudo sensação de segurança? Quando meus filhos terão direito à saúde e educação novamente?”	

Imagem 2 – Post do dia 11/04/2017



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BSwKDwSgSID/?taken-by=respiramulher>

Acesso em : 21/04/2017

Este post teve 1.729 curtidas e 81 comentários de seguidoras que, mais do que simplesmente elogiar a autora, decidiram contar a própria história em trechos de depoimentos. @rearaujoh disse que “Escuto muito essas histórias, que eu com 38 não posso ter cabelo vermelho ‘Pica-pau’ e umas 10 tatuagens...” Para outras mulheres que seguem @respiramulher, a imagem traz esperança, como disse

@iris.soares.35 “Vc me representa quando tento ser independente mais (sic) estou presa na senzala!”

Do lar

Nesta categoria, englobamos todos os assuntos relacionados à forma como Ana lida com as questões domésticas: tanto no que diz respeito aos afazeres do lar, quanto no que diz respeito ao seu papel enquanto mãe de três crianças (Ana tem três filhos: Samuel de 12, Elisa de 8 e Isaac de 5 anos) e esposa de Gustavo, que trabalha embarcado numa plataforma e só fica em casa 15 dias por mês. Das 565 postagens, 318 são inseridas nesta categoria temática “Do lar”. Sendo assim, a repetição e relevância do tema implica num quadro mais detalhado sobre os fragmentos encontrados.

Segue a tabela com a análise destes e, em seguida, a análise de conteúdo da postagem que mais se destacou no grupo desta categoria.

Tabela 3 – Categoria temática “Do lar”

Assuntos	Data das postagens	Descrição da imagem/ situação	Fragmentos das postagens	Intepretação quanto à imagem da dona de casa tradicional
Papéis desempenhados nos afazeres domésticos	04/04/17	Roupas de molho dentro de uma bacia.	“Aquela sensação de delícia de em um dia quente, colocar um biquíni e ficar a tarde toda lavando roupa”.	Vemos uma total harmonização com a imagem tradicional da dona de casa. Por estes posts, Ana é a figura responsável por ser dotada de todos esses “conhecimentos” e “segredos mágicos” para o bom funcionamento, limpeza e organização do lar.
	16/03/17	Fileira de potes com temperos, todos etiquetados de forma padronizada	“Organização a gente vê por aqui..”	A aparente satisfação da mulher que é capaz de fazer tudo muito bem feito parece funcionar como um trunfo e orgulho a ser exibido para outras seguidoras.
	13/04/17		“Hoje acordei e apertei o botão ‘dona de casa organizada’”	
	20/04/17	A imagem da postagem destaca o produto e a marca utilizada, bem como as cadeiras que foram lavadas com o sabão e a esponja na mão de Ana.	“Hora de deixar as cadeiras limpinhas”	
Papéis desempenhados na família (com	11/01/17	Imagem em preto e branco de Ana abraçada com a filha Elisa, que traz uma aparência de insatisfação/birra	“Hoje eu tive um dia de cão... A gente tem é vontade de sentar na privada e chorar. Você tem que ser forte... E abrir mão de muitas coisas”	Vemos a manutenção de dois papéis solidificados para a mulher dona de casa ao longo dos séculos: o de ser responsável pelos afazeres domésticos e o de ser uma mãe exemplar. O interessante é que, ao mesmo tempo em que parece assumir a missão com certo conformismo (não identificamos nenhuma postagem em que seja questionada a forma como a
	14/02/17	Imagem da filha Elisa sorrindo, dentro de uma piscina.	“...Por mais que eu pense em alguns momentos que não sou boa o suficiente, esse sorriso me faz enxergar que tenho	

os filhos e com o esposo)			tudo para ser melhor...Nós mães sofremos . Muito. Mas uma coisa é certa. Não somos fracas”.	divisão das responsabilidades com os filhos é feita), em alguns momentos ela decide expor suas fraquezas, cansaços e insatisfações. A responsabilidade de cuidar dos filhos é vista como um misto de dádiva e dificuldade. No post do dia 11/01, uma pequena ruptura pode ser visto quando ela admite que tem vontade de chorar. No dia 17/01, pela primeira vez, Ana diz que precisa de ajuda e de apoio para poder dar conta de todas as atividades que ela vê como obrigações e, ao mesmo tempo, conseguir voltar a estudar. Este post mostra um claro enfrentamento às cobranças feitas à dona de casa tradicional e uma tentativa de negociar com o que foi exposto, o que nos leva a pensar que essa representação de dona de casa satisfeita com os papéis domésticos talvez não seja tão real.
	17/01/17	Imagem com texto escrito: “Nenhuma semente acorda árvore no dia seguinte”	“Se eu quiser trabalhar? Vale a pena? Com quem meus filhos irão ficar?...Não vale a pena. Prefiro ficar em casa e cuidar deles. Quero voltar a estudar! Preciso ter calma e pensar. Com quem meus filhos irão ficar. Durante 15 dias tenho o pai pra me ajudar. E nos outros 15? Não posso simplesmente faltar. Preciso de apoio.”	

Imagem 3 – Post do dia 11/01/2017



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BPX3aQgjqZZ/?taken-by=respiramulher> (acesso no dia 21 de abril de 2017)

Neste post foram observadas 848 curtidas e 44 comentários. Embora não seja possível dizer que exista um claro enfrentamento em relação às funções de dona de casa, a autora exhibe um ponto de tensão quando reconhece o quanto este cotidiano pode ser exaustivo, e admite que precisa de ajuda se quiser alcançar seus objetivos profissionais. Entretanto, a frase “Temos que pensar com calma, com lógica e usar o

bom senso” fecha a questão levantada pela autora, o que reverbera nos comentários das seguidoras, que endossam a importância do papel materno e propõem uma solução que não rompa com os papéis estabelecidos. @zurch_zurch recomendou: “Ana, larguei tudo tbm para cuidar dos meus, mas me tornei uma mãe estudante...Não deixe seus filhos. Você é forte, inteligente e vai saber ajustar o seu tempo”.

Considerações finais

Embora o estudo de caso não nos permita fazer generalizações a toda uma categoria de mulheres, podemos enxergar nas postagens do perfil @respiramulher a contraditória e complexa imagem de uma dona de casa representada através da rede social Instagram.

Se o gosto e a aparência de uma “senhora do lar” deveriam refletir a imagem de uma mulher prendada, discreta e submissa, nas imagens publicadas por Ana podemos observar exatamente o oposto. Ali temos uma mulher que troca a cor do cabelo a cada semana, muda de ideia sobre a decoração da casa a cada instante, bebe cerveja sempre que tem vontade – ainda que seja um dia de semana – , é vaidosa, mostra o corpo imperfeito sem pudor e fala o que pensa sobre política, amor e feminismo.

Entretanto, a maneira de @respiramulher lidar com as questões do cotidiano que envolvem os afazeres domésticos e os papéis sociais que supostamente uma dona de casa deveria desempenhar – no que diz respeito às responsabilidades com o lar, maternidade e casamento – está em total harmonização com a imagem que desde o Brasil colônia são projetadas para a mulher.

Ao que parece, o acesso à cultura da participação (que permite a livre produção de conteúdo) não foi capaz de resolver os problemas culturais que perduram ao longo dos séculos e que continuam a perpetuar no imaginário coletivo de muitas mulheres o sentimento de responsabilidade exclusiva sobre a família e a casa. Em 143 publicações sobre organização, dicas de limpeza e receitas, em nenhum momento vimos qualquer uma dessas atividades sendo realizada por alguém que não fosse a mulher. Não há registro de qualquer atividade doméstica sendo feita pelo marido e sequer o assunto é posto em pauta. Nem por Ana e nem por suas seguidoras, que a todo momento parecem fazer do perfil @respiramulher porta-voz das próprias opiniões.

Ao final do dia, mesmo com a internet e a uma suposta liberdade de, por trás da tela do computador, podemos romper com os padrões de uma sociedade machista e arcaica, continuamos a representar uma identidade que parece estar em transformação. Ora pende para um passado de opressão, obrigações e conformismo, ora enxerga um futuro de mais equidade e liberdade.

Referências

ARAÚJO, E., A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia, in PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1997

BARDIN, L., **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 2010.

BRAGA, J.L., Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica, in MOURA, C. e LOPES, M.I., **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**, Porto Alegre : EDIPUCRS, 2016

D'INCAO, M.A., Mulher e família burguesa, in PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1997

FRAGOSO, S., RECUERO, R. e AMARAL, A., **Métodos de pesquisa para internet**, Porto Alegre: Sulina, 2011.

JENKINS, H., **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. [Tradução Susana Alexandria]. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MIGUEL, A. e BOIX, M., Os gêneros da rede: os ciberfemininos , in NATANSOHN, G. (org.), **Internet em código feminino: Teorias e práticas**, Buenos Aires: La Crujia, 2013.

NOVINSKY, I.W., Heresia, mulher e sexualidade: algumas notas sobre o Nordeste nos séculos XVI e XVII, in BRUSCHINI, M.C. e ROSEMBERG, F. (org.), **Vivência: história, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

NUNES, A. M. (org.), **Correio Feminino**, Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PEREIRA, M., **Éthos compartilhado e o consumo da reputação do outro no Facebook**, in XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2016, São Paulo, SP. Anais (online). Disponível em : <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1235-1.pdf> Acesso em 02/05/2017.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.